

Ernesto Piccolo dirige peça em que atuou há 25 anos

PÁGINA 3



Wim Wenders ganha mostra retrospectiva

PÁGINA 6



Família de Tarsila atesta autenticidade de tela data de 1925

PÁGINA 7



2º CADERNO

Fluxos conscientes e inconscientes no palco



Lucas Seixas/Folhapress

Renata Sorrah revê carreira entre Tchêkhov e Nazaré Tedesco em peça sobre os meandros da mente da artista

Por **Matheus Rocha** (Folhapress)

Rio de Janeiro. 1974. Renata Sorrah está no carro dirigindo para um ensaio da peça “A Gaivota” quando é surpreendida por uma epifania. “A minha cabeça abre e eu entendo todas as coisas.” As ciências, o universo, o sentido da vida. Para ela, tudo se torna simples e claro. “Mas, de repente, a minha cabeça fecha de novo e tudo vai embora.” Essa experiência metafísica é o fio con-

ductor da peça “Ao Vivo: Na Cabeça de Alguém”, que a atriz estreia nesta semana no Teatro do Sesi, em São Paulo. Com direção de Marcio Abreu, o espetáculo usa o episódio para explorar o que se passa na mente de uma artista.

A exemplo dos pensamentos, a narrativa não obedece a um encadeamento lógico ou linear. É como se o público estivesse diante de uma consciência em convulsão.

Num ritmo frenético, os personagens enunciam anseios, memórias e inseguranças. O texto faz referência não só a fatos subjetivos, mas também a acontecimentos sociais.

A produção cita, por exemplo, o ex-presidente Jair Bolsonaro, político que criticava com frequência a classe artística. “Fomos atacados. Somos sobreviventes e isso está no cerne da peça. Era como se a gente tivesse quase se afogado, mas agora voltamos a respirar”, diz Sorrah, referindo-se ao governo do presidente Lula.

Esse estofamento político, afirma o diretor, mostra como as memórias íntimas e coletivas se misturam. “São descrições que podem ter uma relação subjetiva e íntima com cada pessoa, mas são imagens extremamente coletivas”, diz Abreu. “É a história da gente e ela está entranhada na nossa memória.”

O dramaturgo também construiu o texto pensando em cada um dos cinco atores que compõem o elenco. Além de Sorrah, estão em cena Rodrigo Bolzan, Rafael Bacelar, Bárbara Arakaki e Bianca Manicongo.

“Não é uma autoficção, mas a voz das pessoas que criaram a peça está presente”, diz ele. “A linguagem que usei para fazer determinado tipo de vibração aparecer tem muito a ver com cada uma dessas pessoas.”

A voz de Sorrah, por exemplo, está presente por meio de referências à peça “A Gaivota”, obra basilar do dramaturgo russo Anton Tchêkhov. A atriz deu vida à Nina na primeira montagem brasileira da peça, dirigida por Jorge Lavelli.

Ela diz que a epifania que teve ao ir para o ensaio da peça aconteceu por influência do texto. “É a mesma coisa que acontece quando você vê um quadro ou lê um livro que te faz mudar de profissão”, diz a artista, acrescentando que sentiu isso ao ver “O Rei da Vela”, peça dirigida por Zé Celso, em 1967. “Não tive dúvidas. Era aquilo que eu queria fazer.”

Continua na página seguinte

Um rol de personagens insubmissas

Nana Moraes/Divulgação



Renata Sorrah nos ensaios de 'Ao Vivo: Na Cabeça de Alguém', com estreia nacional nesta semana em São Paulo

Com mais de cinco décadas de carreira, Sorrah se notabilizou por encarnar nos palcos personagens insubmissas, como Antígona, Medeia e Lady Macbeth. Não só nos palcos. A Nazaré, da novela "Senhora do Destino", também assumia as rédeas da própria vida - mesmo que isso significasse jogar uma pessoa ou outra escada abaixo.

Criada por Aguinaldo Silva, ela é uma das vilãs mais célebres da teledramaturgia nacional ao lado de Odete Roitman, de "Vale Tudo". As duas antagonistas tinham em comum a falta de escrúpulos e o pouco apreço por grupos marginalizados.

"Eu lembro que pedia desculpa

para as figurantes antes de começar a gravação, porque sabia que ia arrasar com elas." Foram muitas as frases politicamente incorretas. Em uma cena, a personagem vê um casal lésbico, tampa o nariz com um pano e diz: "Sapatonas. Eu sinto longe o cheiro de couro."

Para a atriz, personagens que destilam preconceito não devem ser omitidos. "É ótimo para mostrar uma pessoa assim. Com isso, a gente entende como não devemos ser na vida real."

Apesar dos comentários condenáveis, a personagem foi eternizada em memes e se tornou um dos ícones da internet brasileira. Exemplo disso é a "Nazaré Confusa", montagem em que ela aparece com os olhos perdidos em meio a uma

profusão de fórmulas matemáticas.

Para Sorrah, o sucesso da personagem se deve à comicidade. "Ela se botava nas nuvens, se achava maravilhosa, mas tudo o que ela planejava dava errado", diz a atriz, que nunca tinha vivido uma vilã antes. "Já fiz muita mulher neurótica, mas vilã foi a primeira vez."

Uma dessas mulheres em crise foi a Heleninha, da novela "Vale Tudo", de 1988. Filha de Odete Roitman, a personagem gerou empatia no público em razão de seus problemas com o alcoolismo.

No ano que vem, o folhetim vai ganhar um remake escrito por Manuela Dias. Desde que a nova versão foi oficializada, há muita especulação sobre quem viverá os personagens principais. No caso de

Heleninha, as apostas são nomes como Carolina Dieckmann, Letícia Colin e Bárbara Paz.

Quando viveu a personagem, Sorrah recebia cartas de pessoas com dependência química dizendo que ela estava ajudando no tratamento. "Vale Tudo" foi uma novela que estava no momento certo e na hora certa. Era uma trama maravilhosa."

Essa não foi a primeira personagem de Sorrah que tinha problemas com o álcool. Em 1969, ela estreou na teledramaturgia com "Um Gosto Amargo de Festa", da TV Tupi, em que interpretava uma alcoólatra.

Em paralelo, estrelou o metalinguístico "Matou a Família e Foi ao Cinema", filme dirigido por

Julio Bressane, e um dos marcos do cinema de invenção brasileiro daquela década. O filme é também uma das referências discutidas durante a peça. "A gente falou com o Julio para pedir autorização e ele ficou muito emocionado." Com o carioca, participou ainda de longas como "Cuidado Madame" e "O Mandarin".

Depois da Tupi, Renata foi para a Globo a convite de Dias Gomes para atuar na novela "Assim na Terra como no Céu", em que viveu Nívea - jovem que se apaixona por um padre.

Apesar de querida pelo público, a personagem teve vida curta e foi assassinada no vigésimo capítulo. Viveu mais na lembrança dos personagens. Como a audiência da trama começou a cair depois da morte, Sorrah foi convocada para aparecer em flashbacks. "Toda hora alguém lembrava de mim."

Em 1976, ganhou pela primeira vez o prêmio de melhor atriz da APCA, a Associação Paulista de Críticos de Arte, pelo trabalho na novela "O Casarão". Na trama, encarnou Lina, uma mulher infeliz no casamento que quer se divorciar do marido.

À época, a personagem incomodou os censores da ditadura militar, que pediram mudanças em seu comportamento. "Era uma mulher independente e aí deu problema."

A censura não era uma novidade para a atriz. Afinal, ela havia começado a carreira no teatro - alvo frequente do aparato repressivo da ditadura. A artista entrou na dramaturgia quase que por acaso.

Durante um intercâmbio nos Estados Unidos, fez um curso de atuação, mas optou pela psicologia ao voltar para o Brasil. Durante a faculdade, o ator Roberto Bonfim lhe disse que o dramaturgo Amir Haddad estava formando uma companhia no Rio de Janeiro e ela decidiu entrar no grupo.

A estreia nos palcos aconteceu com a peça "O Coronel de Macambira", em 1967. Com o sucesso, a faculdade acabou ficando de lado. "E nem tranquei a matrícula. Peguei minha bolsa e nunca mais voltei."

Ernesto Piccolo dirige espetáculo em que atuou há 25 anos numa montagem que transpõe afetos da vida real para o palco

Com texto baseado no livro homônimo de Cláudia Mello adaptado por Duda Ribeiro para o teatro há 25 anos, “A.M.I.G.A.S.” está em cartaz no Teatro Vanucci. A peça voltada ao público, jovem e jovem/adulto gira em torno de três amigas, seus encontros e desencontros amorosos, suas expectativas nas relações, suas frustrações e seus desejos.

Julia Iorio, Luiza Lewicki e Isabel Castello Branco interpretam as amigas que criam a Associação das Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo. Para contracenar com o elenco feminino, o ator Bernardo Coimbra dá vida a 20 personagens diferentes no decorrer das cenas. Na montagem anterior, quem se desdobrava em diversos papéis era Ernesto Piccolo, diretor da montagem atual.

“O teatro é feito de equipe, então é muito legal, 25 anos depois, você trabalhar com os filhos dos parceiros da primeira equipe. É o caso da Isabel, filha do Maneco Quinderé, que fez a luz; e também da Julia, filha do Duda Ribeiro, o autor que inventou essa história toda e que me deu esse presente que foi fazer essas múltiplas personagens há 25 anos. Soma isso tudo e multiplica por Julia, Luiza e Isabel, três meninas cheias de gás, de energia, muito criativas, que adaptaram o texto brilhantemente para os tempos

Uma divertida ode à amizade



Ernesto Piccolo com o elenco de ‘A.M.I.G.A.S’, peça em que ele atuou há 25 anos

modernos, mais o Bernardo arrebentando com suas várias personagens. Ando me divertindo muito. Tá sendo feito com amor”, diz o diretor.

Quando Ernesto encontrou Julia, no ano passado, e sugeriu que montasse “A.M.I.G.A.S.”, foi o impulso que faltava para viabilizar o sonho que ela tinha desde os 10 anos, quando assistia a fita da peça na casa do pai. A atriz juntou as amigas e colocou mãos à obra. Adaptaram o texto de Duda, que não está mais aqui

desde 2016, e chamaram para o projeto a produtora Joana Motta e o próprio Ernesto para a direção. Os dois eram muito amigos dele.

Esta nova montagem reúne a força jovem e a experiência de veteranos na equipe. Além da direção e da produção ficarem a cargo de profissionais experientes, o designer de luz Maneco Quinderé e Ronald Teixeira, agora na supervisão e consultoria do cenário, ambos integrantes da equipe anterior, reforçam

o time atual. Figurino (Manuela Sandetorras), programação visual e cenografia (Antonia Motta) e direção de movimento (Julia Varga e Marcela Pires) são funções da turma jovem que esbanja competência.

O espetáculo, sucesso de público no passado, completa 25 anos da estreia da primeira montagem justamente em agosto. A amizade, o amor e as relações construídas nas parcerias do dia-a-dia motivaram a realização desta nova montagem. A peça é

uma divertida ode à amizade, com todas as dores, delícias, confusões e intensidades presentes nessa relação afetiva que desafia o tempo.

SERVIÇO

A.M.I.G.A.S.
Teatro Vanucci (Rua Marquês São Vicente, 52 - 3º andar).
Até 1/10, segundas e terças (20h)
Ingressos: R\$ 100 R\$ 50 (meia)

CORREIO CULTURAL

Gatu Filmes/Divulgação



Nathalia Timberg em 'A Mulher da Van'

Com Covid, Nathalia Timberg suspende espetáculo em SP

A sessão de domingo (18) da peça "A Mulher da Van" foi cancelada após a atriz Nathalia Timberg ser diagnosticada com Covid-19. A informação foi confirmada pela comunicação do espetáculo, que disse que a artista está bem.

O Sesc Pinheiros, que recebe a encenação, anunciou o cancelamento sem men-

cionar a atriz, de 95 anos. A sessão será remarçada em data a ser divulgada posteriormente.

Em "A Mulher da Van", a grande dama do teatro interpreta Mary Shepherd, mulher que mora numa van e enfrenta os protestos dos moradores de um bairro que não querem que ela estacione ali.

Anita na NFL

O primeiro jogo da história da NFL no Brasil, entre Green Bay Packers e Philadelphia Eagles, em São Paulo, terá Anitta como atração do show de intervalo. A informação foi confirmada pela artista para a revista Billboard Español.

Fake news

Donald Trump compartilhou em sua conta da Truth Social, rede republicana inspirada no Twitter, imagens geradas por inteligência artificial que sugerem, falsamente, que a cantora Taylor Swift e seus fãs, os "swifties", apoiam sua candidatura.

Lollapalooza '25

O Lollapalooza Brasil 2025 iniciou nesta segunda (20) a venda para o público geral. O evento está marcado para os dias 28, 29 e 30 de março. Os ingressos serão vendidos exclusivamente pela Ticketmaster Brasil, ticketeira oficial do festival.

Falsários

A polícia espanhola prendeu cinco membros de uma quadrilha de falsificadores responsável por forjar quadros de Pablo Picasso. Em paralelo, interceptaram ainda um sexto homem que negociava uma falsificação de Leonardo da Vinci.



Chuengue conta que o processo de produção do EP 'Névoa-Nada' durou cerca de um ano a partir das guias gravadas em voz e violão

A MPB vestida de cores psicodélicas

Cantor e compositor carioca Chuengue lança 'Névoa-Nada', EP solo em que propõe questões existencialistas

Com raízes na MPB e influências psicodélicas, o cantor e compositor Chuengue lança primeiro EP solo, "Névoa-Nada". O projeto busca nas questões universais da ciência e do existencialismo as respostas para desafios do dia a dia. O transcendental, a busca por sentido, beleza e por evolução se misturam em canções poéticas com texturas sonoras originais. O lançamento chega junto de um lyric video e curta metragem para "Frames", com imagens de um curta experimental que o artista gravou em Cuba. O EP está disponível em todas as plataformas de música via selo Fogo no Paiol com distribuição da Nikita Music Digital.

O título simboliza a efemeridade da vida e a importância de viver o presente. "Para mim, faz sentido pensar que uma névoa representa a condição humana. Ela nos mostra o óbvio: que tudo é vapor, vento, poeira, pó; sempre a se dissipar", explica Chuengue. "Minha escolha por este título é apenas uma lembrança de

deliciosamente envolvente com pegada rock e levada jazzística, fala sobre as sensações de uma experiência audiovisual. Sobre o poder e complexidade das imagens e do som e como isso está relacionado ao subconsciente, e até mesmo à percepção de Deus. É uma música com várias camadas instrumentais, principalmente de guitarra, e traz texturas sonoras interessantes nas dobras de vozes e vocais. Chuengue a considera "o ápice do disco".

Com a colaboração de nomes expressivos da cena musical alternativa Rio como Felipe Duriez (guitarra), Gabriel Barbosa (bateria), Robson Riva (bateria) e Victor Cardoso (guitarra e violão), e técnicos renomados como Bruno Flores (mixagem) e Bruno Gago (masterização), o EP é composto por cinco faixas, cada uma com sua própria história. Desde a grandiosidade do cosmos ("O Nascimento do Universo") até um pequeno momento de grande mudanças ("Acerca da Maçã"), passando por uma homenagem ao cinema ("Frames") e uma faixa livremente inspirada no cultuado jogo "Braid" (2009) ("A Torre Mais Alta") até o épico encerramento em "Eu Tenho que Voar". A ilustração e o design da capa são assinados por Pedro Ryan.

Divulgação



que nesta vida nos resta viver o presente, celebrando o bom que o acaso nos concede", explica o artista.

O projeto, acrescenta Chuengue, nasceu da necessidade de dar vida a canções que ficaram acumuladas ao longo dos anos de uma carreira no mercado musical e audiovisual. Ex-integrante da banda carioca Cafefrio, ele se uniu ao produtor Hugo Noguchi (Ventre, Posada e O Clã) para a realização do EP. "Eu tinha as canções prontas e as guias de cada faixa, cerca de 10 músicas violão e voz. A partir daí iniciamos esse processo que durou um ano", conta ele.

A faixa-foco, "Frames", canção

Por Diogo Bachega (Folhapress)

“O grande prêmio vai ser lançar esse álbum e ele estar na boca das pessoas que tiverem boca para cantar, sabe?”, diz Liniker que, após ganhar o Grammy Latino em 2022 com seu primeiro disco solo, “Indigo Borboleta Anil”, afirma ter buscado no próximo se realizar através da própria criação, antes de qualquer outra coisa.

Na última segunda-feira (12), a cantora convidou amigos, influenciadores e jornalistas ao Cine Marquise, em São Paulo, para apresentar “Caju”. Ao decorrer das 14 faixas, todas escritas pela cantora, que somam mais de uma hora, os presentes foram conhecendo a personagem que dá nome ao disco, uma mulher destemida e sentimental, que prefere o vermelho fervente às cores frias do álbum anterior.

Liniker vê “Indigo” como um disco prematuro e nascido sob condições adversas. Ele foi lançado pouco após a separação amistosa do Liniker & Os Caramelows, o grupo com que a cantora se apresentava, e teve sua produção atravessada pelo primeiro ano da pandemia de Covid-19. Naquele momento, a artista tateava as possibilidades artísticas da nova empreitada.

“Caju” cresce sobre outro solo. O sucesso conquistado pelo disco anterior a tornou uma artista premiada, a levou para shows na Europa e abriu espaço para que ela fizesse papéis de sucesso como atriz, como na série “Manhãs de Setembro”.

“O investimento de ‘Caju’ é gigante, ele é um álbum que demandou muita energia e dinheiro, e tudo de uma forma bastante independente. Acho que isso me possibilitou chegar em outras texturas e camadas que eu não tinha podido experimentar em uma obra”, ela diz.

Neste novo lugar e com uma década de carreira, Liniker se sente mais confortável para criar e livre da obrigação de continuar se representando para parte da mídia e da indústria que, segundo ela, insiste em tratá-la como alguém que

‘Agora eu quero falar do meu trabalho’

Após o Grammy, Liniker experimenta em ‘Caju’, álbum em que recebe Lulu Santos e Pablo Vittar



Liniker lança seu segundo álbum solo, “Caju”, que sucede o premiado ‘Indigo Borboleta Anil’ que, segundo ela, foi produzido em condições adversas

Divulgação

está dando seus primeiros passos.

“Eu já falei de Araraquara, da minha família de músicos, de como é ser uma pessoa trans no Brasil, quais são as violências que eu sofro enquanto uma pessoa preta. Agora eu quero falar do meu trabalho”, afirma.

“Quando eu comecei, eu tinha 19 anos. Eu vou fazer 30 no ano que vem. Agora, tenho a maturidade de alguém que passou por experiências, que viu coisas. Estou aprendendo quais são os limites quando eu vou falar de mim e do meu trabalho, e eu acho que essa segurança está sendo o maior comparativo do meu antes e depois. Eu não era segura quando eu comecei.”

Com o amadurecimento pes-



soal, veio o artístico. Liniker hoje se aventura também como produtora e regeu com minúcia a construção de “Caju”. Ao lado de Fejuca e Gustavo Ruiz, que estiveram com a cantora no projeto anterior, ela gravou todo o disco de forma analógica, na fita, como faziam os incas e os astecas. O recurso traz uma textura

diferente para o álbum e conversa com um certo movimento atual de ver beleza nas imperfeições e ruídos das tecnologias antigas.

E a tríade de sucesso de “Indigo” está bem acompanhada no álbum que sai agora. A cantora, após fazer dueto com Milton Nascimento no seu trabalho anterior, traz Lulu Santos e Pablo Vittar, os artistas mas chamativos entre os convidados, para a faixa “Deixa Estar”, uma das últimas do álbum.

Liniker já começa a coletânea acompanhada da Orquestra Brasil Jazz Sinfônica e de um coral em “Veludo Marrom”, segunda faixa da coleção, que vem depois da homônima “Caju”.

Na música seguinte, “Ao Teu

Lado”, o piano de Amaro Freitas abre a porta do castelo para a cantora no que, como diz a própria divulgação do álbum, bem poderia ser uma trilha sonora de um filme da Disney. À rainha, juntam-se as princesas Anavitória. Pouco depois, o BaianaSystem aparece na dança “Negona dos Olhos Teríveis”.

Priscila Senna, que se destaca na cena nordestina com seu forró, está no brega “Pote de Ouro”, e a baiana Melly, nome em ascensão que foi a artista revelação do Prêmio Multishow de 2023 com seu álbum de estreia, do qual Liniker participou, aparece aqui em “Papão de Edredom”.

Iuri Rio Branco, que produziu para sua ex-namorada Marina Sena, a produtora Nave e o duo Tropikilaz também coassinam faixas, os últimos, a única música em inglês do disco, a animada “So Special”.

Segundo Liniker, essa enxurrada de colaborações parte não de uma estratégia comercial, mas de um desejo de trazer para perto de si gente que ela ouve, conhece e admira.

“O álbum é muito orgânico, acho que se eu estivesse preocupada com isso eu não teria feito músicas tão longas”, diz. “Como é um para celebrar tudo o que eu gosto, não fazia sentido eu pensar num feat só pelo hype ou pelo alcance de número. É um álbum totalmente autoral, então tinha que ser autoral também esse afeto, essa parceria com cada pessoa que soma.”

De forma parecida, ela justifica a afirmação de que o Grammy não é sua prioridade, ainda que não negue que seria ótimo voltar a ser premiada.

“Se os louros vierem, vai ser ótimo, mas esse disco já me torna vitoriosa só pelo fato de eu conseguir fazer esse álbum. Esse é o gozo em que eu estou concentrada. Eu estou pensando nesse álbum como obra de arte, é uma fotografia do meu agora, o meu momento mais bonito e seguro comigo mesma. Não quero deixar que qualquer pressão desmanche ou apague um processo de autoestima em que eu, enquanto uma pessoa preta, estou há anos tentando me colocar firme.”

Mania de Wim Wenders

Em cartaz no Brasil há seis meses com 'Dias Perfeitos', que está na grade da MUBI e no cine Estação Botafogo, diretor alemão ganha mostra no festival de curtas Kinoforum, em SP

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Se durar mais dois dias no Estação NET Botafogo, onde será exibido hoje às 16h25, "Dias Perfeitos" ("Perfect Days") vai completar seis meses em cartaz no Brasil. Indicado ao Oscar de Melhor Filme Internacional, representando o Japão, esse tocante drama motivacional rodado pelo alemão Wim Wenders é o título mais longo nas salas de exibição do país em 2024 – e em muito tempo. Só Costa-Gavras costuma ficar tanto tempo assim em nossas salas.

Chama mais atenção ainda o fato de que a produção segue em cartaz mesmo já tendo estreado em streaming, na MUBI. Em meio a essa resistência em circuito nacional de um longa-metragem avesso a fórmulas, seu realizador ganha um tributo, a partir de hoje, no Kinoforum, uma das mais importantes maratonas de curta-metragem da América Latina, realizada em São Paulo. O festival dedicou a ele uma mostra especial, chamada "Asas do Curta", em referência a seu cult "Asas do Desejo" (Prêmio de Me-



Divulgação

Wim Wenders, o consagrado realizador alemão, vem estabelecendo marcas significativas nas salas de exibição do Brasil com seu belíssimo 'Dias Perfeitos'

lhor Direção em Cannes, em 1987).

Nessa programação especial do Kinoforum (que vai até 1º de setembro), dedicada ao artesão autoral germânico, foi selecionado o recente curta "Alguém Vem À Luz" ("Somebody Comes Into The Light"), realizado em paralelo às filmagens de "Dias Perfeitos", com o dançarino Min Tanaka. Espalhado por diferentes polos de exibição paulistanos (Cinemateca Brasileira, CineSesc, Circuito Spicine - Centro Cultural São Paulo (CCSP), Circuito Spicine - Tiradentes, Espaço Augusta, Museu da Imagem e do Som), o festival apresenta ainda outras pérolas do diretor. O menu inclui "O Mesmo Jogador Atira Novamente" (1967), "Silver City Revisited" (1968) e "Ângulo Inverso" (1982).

Em meio à celebração paulista e carioca de seu legado, Wenders tem novos projetos de não ficção em gestação, ao mesmo tempo em que comemora a conquista do Prêmio Honorário do Júri Ecumênico de Cannes ao conjunto de sua

filmografia. A láurea foi atribuída a ele em maio, em meio à projeção de uma cópia restaurada de "Paris, Texas", cult que deu a ele a Palma de Ouro, há 40 anos. Neste momento, esse ensaio existencial de 1984 ensaia uma volta às telas da Europa, com projeções previstas na França e na Alemanha, onde "Dias Perfeitos", que já faturou US\$ 25 milhões. No Velho Mundo, o longa segue em cartaz em Londres.

Escrito em três semanas a partir da encomenda de um projeto documental sobre os banheiros públicos do Japão, "Dias Perfeitos" rompeu com a demanda da não ficção e nasceu filme em forma de drama, sendo filmado em 17 dias. Seu faturamento nas bilheterias reacende a estrela de boa sorte de Wenders, até no céu de Hollywood. Na década passada, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas hollywoodiana acolheu seu nome entre seus concorrentes pelos docs "Pina" (2011) e "O Sal da Terra" (2014), feito em duo com Juliano Ribeiro Salgado. Wenders agora

volta com um filme cujo CEP é japonês, fincado a uma genealogia que o cineasta germânico de 79 anos aprendeu a conhecer a partir de sua cinefilia.

Radiante do primeiro ao último fotograma, "Dias Perfeitos" bate cabeça para o titã Yasujiro Ozu (1903-1963), diretor de joias como "Também Fomos Felizes" (1951), "Dia de Outono" (1960) e "A Rotina Tem Seu Encanto" (1962). Em sua formação de olhar, em paralelo a seu trabalho como fotógrafo, Wenders refestelou-se nos filmes dele. A fim de prestar tributo a ele, rodou "Tokyo-Ga", um poema documental de 1985, que é uma espécie de retrato fantasma a circundar as franjas delicadas de seus "Dias Perfeitos". É um espectro que ronda o olhar de Wenders não como assombração, mas, sim, como se fosse um alumbramento, pois se dá uma espécie de simbiose entre dois filmes.

Cada um com seu modo de ser cinema, eles traduzem momentos distintos de Wenders pelo país que

ajudou a formar seu imaginário. Com Ozu, ele aprendeu a cultivar a serenidade do dia a dia. É esse o princípio que rege o cotidiano de Hirayama, um zelador vivido nas raias do esplendor por Koji Yakusho. Não se trata de um princípio de inércia. É o princípio da contemplação. O que se dá em cena é um rito contemplativo dos momentos que abrem mão de viradas bruscas.

Ele vem da mesma paisagem humana dos filmes de Ozu. Filmas para os quais "Tokyo-Ga" olha de modo melancólico, como se algo defunto de outrora estivesse a agrilhoar seu entendimento do cinema naquilo que o semiólogo Roland Barthes chamava de "foi aí", ou seja, o partícipio da construção artística, um resquício pretérito. Mas a mirada que guia "Dias Perfeitos" é o gerúndio, ou seja, um tempo de fricção.

Depois de uma longa fase documental, iniciada com o fenômeno "Buena Vista Social Club", em 1999, Wenders volta lépido às telas, fazendo ficção, agarrado à poesia numa vertente heraclitiana ciente de que não se pode, jamais, molhar-se nas mesmas águas ao revisitar um mesmo rio, pois tudo muda. Acompanhamos, em sua trama, a vida de Hirayama, um limpador de latrinas. O papel deu a Koji o prêmio de Melhor Ator de Cannes.

Seguimos essa figura a partir da informação sentimental de que ele ama o rock'n'roll raz, degustando o ritmo em fitas K-7. Gosta também de ler. Ponto. Sua vida é isso: é se abrir à melodia e às palavras. Situações sutis com colegas de trabalho e múltiplas reminiscências de seu passado vão cruzar seu caminho, mas não vão abalar a harmonia que ele criou. Harmonia que a edição de Toni Froschhammer absorve numa acolhedora montagem, capaz de valorizar a luz apolínea da fotografia de Franz Lustig. É um filme que nos leva ao deleite das simplicidades e dos abismos que nos aferram a incertezas. É um Wenders sublime, que não larga das telas.

Filipe Berndt/Divulgação



Tela atribuída a Tarsila do Amaral e datada de 1925 à venda na galeria OMA, na SP-Arte

Valor de obra de Tarsila do Amaral que teve autoria questionada quase triplica e vai a R\$ 60 milhões

Por Pedro Martins, Silas Martí e João Perassolo (Folhapress)

Atela de Tarsila do Amaral que teve sua autenticidade questionada ao ser posta à venda por R\$ 16 milhões em abril, na feira SP-Arte, agora é avaliada em R\$ 60 milhões, ou US\$ 11 milhões, pela galeria que tenta vender a obra, a OMA. O aumento de 275% no valor aconteceu após os herdeiros da artista divulgarem que uma perícia confirmou a autoria do quadro.

Em comunicado conjunto enviado nesta segunda-feira (19), a OMA e a Tarsila S.A., empresa dos herdeiros da pintora, não detalharam como foi feita a perícia nem informaram quais elementos levaram o perito Douglas Quintale a afirmar que a tela é verdadeira.

O novo valor pegou o mercado da arte de surpresa. Dono da Bolsa de Arte, a maior casa de leilões do país, Jones Bergamin, com experiência na venda da obra de Tarsila, afirma que, mesmo se nunca tivesse havido dúvida sobre a autoria, o quadro valeria no máximo US\$ 6 milhões, ou cerca de R\$ 30 milhões.

Bergamin comandou a venda de "A Cai-pirinha", de 1923, que faz parte da fase "Paul-Brasil" de Tarsila, quando a artista morava em Paris e retratou cenários emblemáticos do país. O quadro foi arrematado por R\$ 57,5 milhões em 2020.

Entre as últimas vendas de obras da modernista, está ainda "Paisagem 3", tela de 1971 - sua fase menos valorizada -, que foi arrematada em um leilão em 2011 por US\$ 410 mil, ou US\$ 573,3 mil em valor corrigido pela inflação.

O valor que a galeria OMA pede agora se aproxima dos R\$ 75 milhões desembolsados em 2019 pelo Museu de Arte Moderna de Nova York, o MoMA, para a compra de "A Lua", de 1928, que pertence à fase mais celebrada da artista, a "Antropofágica".

A avaliação da OMA também supera o valor pelo qual o quadro mais famoso da modernista, "Abaporu", foi vendido em 1995. Na ocasião, o colecionador argentino Eduardo Costantini desembolsou US\$ 1,3 milhão,

Reviravolta milionária no mercado das artes

ou cerca de US\$ 2,7 milhões em valor corrigido pela inflação.

Ainda que a o preço pago por Costantini tenha causado espanto à época por ser considerado baixo demais, por causa da falta de estrutura do mercado de arte do país à época, ele ainda é tido como referência entre marchands.

Se a venda for concretizada, os herdeiros de Tarsila receberão 5% desses R\$ 60 milhões, o equivalente a R\$ 3,5 milhões. É o chamado direito de seqüência, previsto na legislação brasileira, que confere ao autor ou à sua família uma compensação financeira sempre que a obra for vendida.

Mesmo após a família de Tarsila afirmar que a tela é verdadeira, a sobrinha-neta da artista, Tarsilinha, diz que o mercado ainda desconfia da autenticidade do quadro. Tar-

silinha é respeitada pelas galerias e pelos museus mundo afora devido ao seu profundo conhecimento da obra de Tarsila, construído ao longo dos 20 anos que passou à frente do espólio, agora sob o controle de Paola Montenegro, bisneta da artista. "Não concorda com o método de análise que foi feito", critica Tarsilinha, acrescentando que o quadro agora autenticado não deve afetar a credibilidade do *raisonné* de Tarsila, porque "sabem da seriedade das pessoas envolvidas no catálogo".

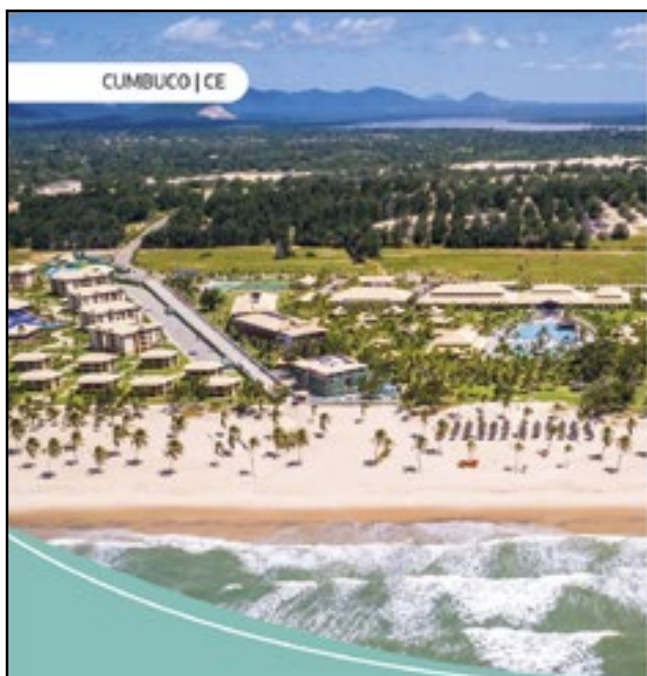
"Acho muito difícil essa obra ser comercializada, porque o mercado, todos os marchands e galeristas brasileiros, têm ciência de que não é autêntica. Não passou na mão de nenhum perito com conhecimento sobre a obra de Tarsila", reforça Bergamin. "Esse quadro pode ser vendido para um incauto, alguém que não circula no meio da arte. Pode ser vendido para um comprador, não para um colecionador."

Datada de 1925, a obra ficou no Líbano desde 1976 e só voltou ao Brasil em dezembro de 2023, segundo seu proprietário.

Thomaz Pacheco, o galerista que apresentou a obra, disse em comunicado que sempre teve o sonho de deixar um legado por meio de seu trabalho. "Me sinto muito honrado ao participar desse processo. Conseguir legitimar uma obra nova de Tarsila do Amaral, aumentando o reconhecimento da produção da principal artista brasileira e a segunda maior artista da América Latina. Estou em paz e com o sentimento de gratidão", reagiu.

Acervo de família





PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

